



IX CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

Portugal, território de territórios

ÁREA TEMÁTICA: Modernidade, Risco e Segurança das Populações [AT]

“HÁ DESASTRES EM TODO O LADO”: UMA ANÁLISE DE REPRESENTAÇÕES DE RISCOS E CATÁSTROFES EM DESENHOS ILUSTRADOS POR CRIANÇAS

ROWLAND, Jussara

Licenciatura em sociologia, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa,
jussara.rowland@ics.ulisboa.pt

DELICADO, Ana

Doutorada em sociologia, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa,
ana.delicado@ics.ulisboa.pt

ALMEIDA, Ana Nunes de

Doutorada em sociologia, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa,
ana.nunes.almeida@ics.ulisboa.pt

SCHMIDT, Luísa

Doutorada em sociologia, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa,
mlschmidt@ics.ulisboa.pt

FONSECA, Susana

Doutorada em Sociologia, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa,
susana.fonseca@ics.ulisboa.pt

Resumo

O objetivo desta comunicação é apresentar uma análise visual das múltiplas concepções sobre riscos e catástrofes de crianças entre os 10 e os 12 anos, a partir de 123 desenhos obtidos numa atividade que teve como objetivo a seleção de um desenho para a criação do logótipo do projeto *CUIDAR Culturas de Resiliência e Catástrofes entre Crianças e Jovens*, financiado pelo programa *Horizon 2020*. A utilização do desenho como metodologia de investigação com crianças tem vindo a ser crescentemente valorizada, uma vez que pode constituir uma ferramenta para a avaliação das perspetivas das crianças, permitindo captar outras facetas das suas experiências, proporcionando maior autonomia, naturalidade e espontaneidade na expressão infantil. Os desenhos têm também sido utilizados como instrumentos analíticos ou descritivos, sendo que neste segundo caso as ilustrações produzidas pelas crianças são utilizadas como base para entender perceções individuais sobre determinadas ideias ou fenómenos, com o objetivo de avaliar a existência e prevalência de determinadas imagens estandardizadas presentes no imaginário infantil.

Abstract

The purpose of this paper is to present a visual analysis of the multiple conceptions about risks and disasters that children between 10 and 12 years old hold. It is based on 123 drawings acquired through an activity in schools aimed at designing the logo of the project *CUIDAR Cultures of Disaster Resilience among Children and Young People*, funded by the Horizon 2020 Programme. Drawings as a research tool is increasingly being used for working with children, since it can access children's perspectives, capturing different aspects of their experiences and providing more autonomy, naturalism and spontaneity in the expression of young ones. Drawings have been used as analytical or descriptive tools. In the later, drawings done by children are used as a basis for understanding individual perspectives about certain ideas or phenomena, aiming to assess the existence and frequency of certain standardised images in children's imaginaries.

Palavras-chave: catástrofes; representações; crianças; métodos qualitativos

Keywords: disasters; representations; children: qualitative methods

[COM0390]

1. Introdução

As sociedades contemporâneas são marcadas por crescentes perigos que advêm não só de desenvolvimentos tecnológico associados a novos riscos (acidentes nucleares ou industriais, terrorismo em larga escala, etc.), como também do agravamento de riscos naturais que tendem a acentuar-se devido à crescente urbanização e aos efeitos das alterações climáticas sobre a frequência e intensidade de eventos extremos. No atual contexto mundial, persistem incertezas e controvérsias, que impõem a necessidade de incorporar as perspectivas de cidadãos e comunidades numa governança do risco inclusiva (ver o *framework* de Sendai). Nesta abordagem, as crianças são geralmente um elemento esquecido na gestão participada do risco. Apesar de destinatárias frequentes de programas e medidas de prevenção em caso de catástrofe, as crianças são sobretudo vistas como elementos vulneráveis e vítimas, ou então como futuros adultos, ignorando-se as suas perspectivas específicas sobre os eventos catastróficos e contributos para a redução dos riscos dessas catástrofes. As perspectivas das crianças sobre estas temáticas são, no entanto, cruciais para a definição de respostas mais eficazes ao risco de catástrofes a nível local e nacional.

O objetivo desta comunicação é apresentar uma análise visual das múltiplas conceções sobre riscos e catástrofes de crianças entre os 10 e os 12 anos, a partir de 123 desenhos obtidos numa atividade que teve como objetivo a seleção de um desenho para a criação do logótipo do projeto *CUIDAR Culturas de Resiliência e Catástrofes entre Crianças e Jovens*, financiado pelo programa *Horizon 2020*. A utilização do desenho como metodologia de investigação com crianças tem vindo a ser crescentemente valorizado, uma vez que pode constituir uma ferramenta para a avaliação das perspectivas das crianças, permitindo captar outras facetas das suas experiências, proporcionando maior autonomia, naturalidade e espontaneidade na expressão infantil. Os desenhos têm também sido utilizados como ferramentas analíticas ou descritivas, sendo que neste segundo caso as ilustrações produzidas pelas crianças são utilizadas como base para entender representações individuais sobre ideias ou fenómenos, com o objetivo de avaliar a existência e prevalência de certas imagens estandardizadas presentes nos imaginários infantis.

Os desenhos produzidos pelas crianças que participaram na atividade relevam das suas noções subjetivas sobre catástrofes, bem como das suas interpretações sobre a perceção pública desses eventos. A nossa análise centra-se nas múltiplas definições de catástrofes que surgiram nos desenhos e tem em consideração não só as temáticas selecionadas pelos participantes para ilustrar um projeto relacionado com crianças e catástrofes, como também os principais elementos presentes nas ilustrações e as diferentes formas de os representar.

2. O desenho como técnica de investigação com crianças

O uso de metodologias visuais no trabalho de investigação com crianças faz parte de uma tendência mais vasta de adoção de técnicas não-verbais e participativas na sociologia da infância. Esta adoção prende-se com três objetivos fundamentais (cf. Almeida e Delicado, no prelo). O primeiro está associado ao desafio de captar de forma única, a partir de dentro, experiências, perspectivas e interpretações infantis no quotidiano que co-constroem com os adultos e os seus pares. A validade deste tipo de estudos implica processos em que a equipa de investigação estabelece «non-exploitative relations» com as crianças investigadas, cujas capacidades para influenciar a direção da pesquisa devem ser aprofundadas (Thomas *et al.*, 1998; Elden, 2013; Hall, 2015). O segundo objetivo tem por base tirar partido de outras formas de expressão das crianças (para além das verbais), de modo a facilitar a revelação e interpretação das suas perspectivas sobre estruturas e relações sociais que moldam as vidas. Tal constitui uma perspectiva inclusiva, que se ajusta particularmente a crianças com barreiras linguísticas ou baixos níveis de literacia. Warming (2011) alerta para os riscos do recurso exclusivo a metodologias centradas no uso da oralidade ou da palavra: reforçam a visão da infância como uma condição homogénea, esquecem que há crianças que «literal ou metaforicamente» não têm voz, reproduzem formas de violência simbólica que associam o poder à linguagem. As «*task-centred activities*» como o desenho ou o manuseamento autónomo de equipamentos tecnológicos (computadores, máquinas fotográficas, câmaras de vídeo), através dos quais as crianças produzem ou recolhem imagens, gozam - como

bem assinalam Nic Gabhaim e Sixsmith (2006) - de um excelente acolhimento entre os mais novos. O terceiro objetivo é minimizar as desigualdades de poder entre o investigador e as crianças. Ao basear a metodologia em tarefas familiares e atrativas em que elas são muito competentes, são favorecidas relações mais democráticas e menos hierárquicas (Mitchell, 2006; Mallan, 2010; Elden, 2013). Como afirma Einarsdottir (2005, 527): «convidando as crianças a comunicar de maneira diferente usando outra linguagem que não a verbal é uma tentativa para desenvolver os seus pontos fortes» e reforçar o seu *empowerment*.

Pedir às crianças que expressem as suas opiniões e representações através de um desenho é uma das técnicas mais antigas dentro das metodologias visuais de investigação com crianças, remontando ao século XIX e utilizada nas mais diversas disciplinas (Ganesh, 2011, Hall, 2015).

Desenhar é uma tarefa com que as crianças estão muito familiarizadas nos contextos educativos (ensino pré-escolar e escolar) e que geralmente consideram agradável e divertida (Mitchell, 2006; Elden, 2013). Podem desempenhá-la de forma autónoma, sem mesmo a presença do investigador (Mitchell, 2006). Os desenhos podem servir de mote para a conversa entre investigador e criança, em simultâneo ou após a sua realização (Mitchell, 2006; Tay-Lim e Lim 2013).

Mediante a codificação sistemática dos elementos presentes nos desenhos, frequentemente acompanhada de entrevistas, pode aceder-se às perspetivas que as crianças detêm de um determinado objeto ou ideia. Como sublinha Ganesh:

Subject-produced drawings have the potential, when used with care and rigor, to serve as useful descriptive and analytical tools. As a descriptive tool, subject-produced drawings can be used to elicit individuals' understandings of a specific idea or construct. As an analytical tool, subject-produced drawings can be used to compare an individual's changes over time. (Ganesh 2011, pp. 237-238)

Os desenhos permitem assim analisar a construção de significado pelas crianças (Tay-Lim e Lim, 2013) e tornar visíveis “the details of place and self that have escaped the adult gaze” (Mitchell, 2006, p. 70). Podem permitir despertar memórias e tornar “o abstrato concreto” (Elden, 2013, p. 68). As narrativas tecidas a seu propósito não servem tanto para testar a autenticidade da informação prestada sobre as situações em causa, mas contribuem sobretudo para obter a uma representação mais complexa e multidimensional sobre as situações em análise (Elden 2013).

No entanto, os desenhos apresentam algumas desvantagens face a outras técnicas não-verbais como a fotografia, por exemplo. Dependem de competências técnicas das crianças, que optam pelas imagens que conseguem desenhar e não necessariamente pelas que querem desenhar; podem ser influenciadas pelos pares; não permitem captar eventos a acontecer no momento (Punch 2002, Einarsdottir 2005, Nic Gabhainn e Sixsmith 2006, Cook e Hess 2007). Hall (2015) desenvolve ainda uma reflexão sobre a ética da utilização dos desenhos de crianças na investigação, chamando a atenção para o que pode ser “*restrictive and tokenistic*”. Ao procurar generalizações e medições, perde-se a perspetiva individual e isola-se o desenho da criança que o desenhou. Por fim, há que ter particular cautela na interpretação dos desenhos, sobretudo quando não acompanhada de diálogo com a criança (como é o caso nesta comunicação). Hall lança justamente esse alerta:

Although drawing allows children to share their experiences, ideas and feelings; importantly, ‘we must beware of the temptation to equate children’s drawings and paintings with the totality of what they know on any given subject’ (Lenz-Taguchi, 2006, p. 276). Analysis and interpretation should be very carefully considered, ideally allowing the children to engage in dialogue about their creations in order to respect them as expert informers and witnesses regarding their own experiences and perspectives (Hall, 2015, p. 157-158)

No caso particular da investigação sobre crianças e catástrofes, o desenho é uma das técnicas mais utilizadas para aceder às suas perceções e conhecimentos sobre tais fenómenos, mas também para compreender as suas estratégias de autoproteção, resposta e resiliência. Identificam-se dois tipos de trabalhos: os que incidem sobre crianças que já foram afetadas por algum tipo de catástrofe e que, portanto, permitem analisar formas de representação da sua experiência pessoal; e aqueles que envolvem crianças que não os viveram, mas detêm perceções e representações sobre estes eventos, permitindo, portanto, avaliar graus de conhecimento e preparação.

Quanto à primeira categoria, os desenhos são frequentemente usados com fins terapêuticos, para identificar e tratar o trauma infantil, ajudar a processar as experiências negativas. É esse o caso dos trabalhos de Looman (2006) com crianças desalojadas pelo furacão Katrina (Estados Unidos), de Bird e Gísladóttir (2014) com crianças islandesas afetadas pela erupção do vulcão Eyjafjallajökull, de Giordano *et al.* (2012) em relação ao terramoto de Abruzzo (Itália). No entanto, há também estudos que dão principalmente relevo aos desenhos como representação dos impactos sociais das catástrofes do ponto de vista das crianças, como ferramenta de investigação sociológica mas também instrumento participatório e de construção de resiliência. Destacam-se neste campo o trabalho de Fothergill e Peek (2006) sobre o furacão Katrina, o de Walker *et al.* (2012) sobre as inundações no Reino Unido, o de Taylor e Peace (2015) sobre o mesmo tema mas na Indonésia, ou o de Tobin-Gurley e Peek (2013) sobre o derrame de petróleo no Golfo do México. Em Portugal, Bonati e Mendes (2014) dão conta de um projeto educativo sobre risco e paisagens, no seguimento do aluvião que ocorreu na Madeira em 2010, o qual incluiu o desenho como uma das técnicas de trabalho com as crianças.

Na segunda categoria de estudos (desenhos de crianças não diretamente afetadas por catástrofes), aquela em que esta comunicação se insere, merece ser destacado o artigo de Izadkhan e Gibbs (2015), contendo uma análise de conteúdo de desenhos de crianças iranianas sobre terremotos. Há ainda investigações que comparam os desenhos de crianças afetadas e não afetadas por determinados eventos catastróficos, como é o caso do trabalho de Senal e Coleman (2013) sobre tornados.

3. Metodologia

O projeto CUIDAR Culturas de Resiliência e Catástrofes entre Crianças e Jovens é um projeto internacional que tem por objetivos:

- Compreender melhor a perceção de risco, as necessidades e as capacidades das crianças e dos jovens nas sociedades urbanas em relação às catástrofes;
- Fortalecer a compreensão das crianças e jovens em relação às emergências e às ações que podem desenvolver para se prepararem, para prepararem as suas famílias e as suas comunidades;
- Aumentar a sensibilização e o conhecimento sobre as necessidades das crianças e dos jovens em situações de catástrofe entre os profissionais de resposta a emergências e entre os decisores políticos;
- Estimular uma comunicação mais eficaz entre os profissionais de resposta a emergências, as crianças e os jovens em contexto urbano;
- Melhorar a estrutura de gestão de catástrofes, as políticas e as práticas, de forma a integrar as necessidades particulares das crianças e jovens quando envolvidas em situações de catástrofes urbanas.

Este projeto é financiado pelo programa de investigação e inovação da União Europeia Horizon 2020 (acordo de financiamento n.º 653 753). Decorre entre 2015 e 2018, é coordenado por uma equipa da Universidade de Lancaster, no Reino Unido (liderada por Maggie Mort) e nele participam a organização Save the Children UK (Reino Unido), a Universidade Aberta da Catalunha (Espanha), a Save the Children Italia (Itália), a Universidade de Tessália (Grécia) e o Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

O princípio de dar voz às crianças que norteia este projeto começou a ser aplicado logo na fase de criação do logotipo. Este foi selecionado com base num conjunto de desenhos efetuados por crianças a frequentar o 5.º e o 6.º ano do ensino básico em três escolas da Área Metropolitana de Lisboa. Com a colaboração da ABAE

(Associação Bandeira Azul da Europa), contactaram-se escolas do ensino básico da região de Lisboa, no sentido de se candidatarem à participação nesta iniciativa. Responderam ao desafio treze escolas, das quais foram escolhidas três, localizadas nos concelhos de Cascais, Loures e Sintra. Com o apoio dos respetivos professores, realizaram-se sessões de desenho em duas turmas de cada escola em maio e junho de 2015, com a participação de cerca de 20 alunos por turma (na sua maioria crianças entre os 10 e os 12 anos). A participação nesta atividade foi precedida do preenchimento de formulários de consentimento informado pelos pais e pelas crianças. Foram assim recolhidos 123 desenhos, posteriormente digitalizados e carregados *online* num blogue (<http://desenhoscuidar.tumblr.com>).

Este processo contou com a colaboração de uma equipa de designers da equipa do espaço Coworklisboa, Fernando Mendes e Ana Rita Lança, que conceberam o *template* para as crianças fazerem os seus desenhos e converteram depois o desenho selecionado pelo júri (composto por Lara Seixo Rodrigues, Luísa Schmidt e Margarida Gomes) num logotipo a ser utilizado nos materiais promocionais do projeto.

Em relação à elaboração dos desenhos, estes foram realizados em seis sessões que decorreram nas três escolas. As atividades não decorreram todas nas mesmas condições, já que se diferenciaram em termos do tempo disponibilizado para a elaboração do desenho (de uma a duas horas), do material artístico à disposição dos vários participantes ou da disposição das mesas (num dos casos as sessões decorreram na biblioteca, com várias crianças por mesa). Essas diferenças podem ter tido influência nos resultados obtidos e foram tidas em conta durante a análise. Nestas sessões foi feita uma primeira discussão introdutória com as crianças sobre o que entendiam ser as catástrofes, tendo surgido inúmeros exemplos que refletiam uma noção mais ou menos abrangente de catástrofe e que variaram de turma para turma. Ao longo do processo não foram recolhidas informações pessoais sobre os participantes (histórias e condições de vida) e como tal não é possível ter em consideração possíveis influências das experiências individuais ou contextos sociais nas escolhas temáticas dos desenhos.

Ainda que tenham sido concebidos com o fim específico de criar um logotipo para o projeto, os desenhos recolhidos permitiram à equipa de investigação começar a apreender as conceções e perceções do conceito de catástrofe entre as crianças. Pela sua natureza, estes desenhos permitem aceder, não tanto às representações individuais de catástrofe, mas sim às suas perceções sobre como ilustrar e comunicar o tema catástrofes através de um desenho para um público geral. A análise deste conjunto de desenhos oferece por isso uma oportunidade para avaliar a multiplicidade de entendimentos do conceito de catástrofe e a prevalência de imagens estandardizadas no imaginário infantil.

4. A análise dos desenhos

4.1 As catástrofes

Durante as sessões fez-se um único pedido específico: criar um desenho que servisse de base para o logótipo que representasse graficamente um projeto internacional sobre crianças e catástrofes, ou seja, um desenho que comunicasse para o público em geral o tema central do projeto: as catástrofes.

O primeiro dilema com que as crianças envolvidas se depararam foi a seleção da(s) catástrofe(s) a ilustrar. Como não se fizera qualquer outra especificação, os participantes apresentaram, durante a discussão livre prévia aos desenhos, inúmeros exemplos de eventos que podiam ser entendidos como catastróficos. Uma forma encontrada por vários participantes para contornar a dificuldade foi não restringir o desenho a uma única catástrofe, incorporando dentro da quadrícula várias catástrofes em simultâneo. Essa solução foi concretizada de duas formas: separando a quadrícula do *template* em secções distintas, elaborando 4 desenhos individuais; fazendo um único desenho com um cenário multi-catastrófico (em que ocorrem ao mesmo tempo catástrofes como tornados, vulcões, quedas de meteoritos, etc.). A análise contempla, por essa razão, vários desenhos que, por incorporarem vários temas, são contabilizados mais do que uma vez.



Figura 1 - Desenhos com multicatástrofe em 4 desenhos separados (rapariga, Sintra) e num único desenho (rapaz, Sintra)

As catástrofes mais vezes referenciadas nos desenhos são as erupções vulcânicas e a queda de meteoritos (perto de 30 vezes), seguidas de tempestades, sismos, tornados e maremotos (referenciadas em cerca de 15 vezes) e por fim, de incêndios urbanos, incêndios florestais e inundações (cerca de 10 vezes). Para além destas catástrofes, surge um número muito alargado de outras com muito menor frequência (tais como deslizamentos de terra, poluição do mar, atropelamentos, guerra, etc.). Ao todo foram identificados 34 tipos diferentes de catástrofes nos 123 desenhos.

As catástrofes podem ser classificadas em três tipos: catástrofes naturais (tornados, queda de meteoritos, maremotos, sismos, tempestades, incêndios florestais, vagas de calor, etc.); catástrofes antrópicas (as que resultam de ações/vulnerabilidades humanas como poluição, incêndios urbanos, derrocadas de prédios, naufrágios e quedas de avião, desflorestação, etc.); e riscos sociais (situações geradas socialmente como guerra, fome, abandono de animais, acidentes de trânsito, *bullying*, raptos, assaltos, etc.). As catástrofes naturais estão representadas em mais de 70% dos desenhos, as antrópicas em cerca de 20% e os riscos sociais em aproximadamente 10%. Em termos da distribuição por sexo, verifica-se uma maior propensão por parte dos rapazes para integrarem catástrofes naturais nos seus desenhos em comparação com as raparigas. Aqueles desenhos mais vezes vulcões, sismos e quedas de meteoritos, mas ilustram também catástrofes que não estão presentes nos desenhos das raparigas, como o redemoinho, a queda de arribas ou a onda de calor. As raparigas, por sua vez, destacam-se por desenharem mais catástrofes antrópicas, em particular situações relacionadas com vários tipos de poluição (atmosférica, mar e rios e solos), temas quase ausentes nos desenhos dos rapazes. No entanto, os rapazes tendem não só a representar mais catástrofes naturais, como a apresentar mais tipos de catástrofes num único desenho e por isso o seu número total de desenhos com diferentes tipos de catástrofes naturais é mais elevado do que o das raparigas.

	Rapazes	Raparigas
Catástrofes naturais	58	32
Catástrofes antrópicas	10	13
Riscos sociais	5	6

Tabela 1 - Tipos de risco presentes nos desenhos

Focando-nos agora nas catástrofes naturais e utilizando o sistema de classificação do NatCatSERVICE (<https://www.munichre.com/en/reinsurance/business/non-life/natcatservice/index.html>) da seguradora Munich RE, que recolhe dados estatísticos sobre perdas causadas por catástrofes a nível mundial, verifica-se que os eventos mais comuns na amostra são os geofísicos (sismos, tsunamis e vulcões), seguidos dos meteorológicos (sobretudo tempestades e tornados), astrofísicos (queda de meteoritos), hidrológicos (sobretudo inundações) e, por último, os eventos climatológicos (sobretudo incêndios florestais). A análise por sexo revela uma maior propensão dos rapazes para eventos geofísicos, meteorológicos e astrofísicos, enquanto as raparigas distribuem a sua atenção de forma mais equitativa entre os vários tipos de catástrofe natural.

	Rapazes	Raparigas
Eventos geofísicos (sismos, tsunamis, vulcões)	31	14
Eventos meteorológicos (tempestades, tornados)	16	8
Eventos astrofísicos (queda de meteoritos)	13	6
Eventos hidrológicos (inundações, deslizamentos de terras)	5	8
Eventos climatológicos (ondas de calor, incêndios florestais)	4	5

Tabela 2 - Tipos de catástrofes naturais presentes nos desenhos

Segundo aquela mesma fonte de informação, em 2015, foram mais numerosos os eventos meteorológicos e hidrológicos (mais de 80% dos eventos registados são destes dois tipos), mas as perdas de vidas humanas foram mais volumosas nos eventos geofísicos (42% das mortes) e os danos patrimoniais mais severos no caso dos meteorológicos (47% das perdas). Verifica-se, pois, que as crianças tendem a desenhar fenómenos pouco frequentes mas com consequências muito severas.

A predominância de desenhos ilustrando vulcões em erupção e queda de meteoritos, catástrofes que representam riscos distantes (em termos territoriais e de probabilidade) do dia-a-dia dos participantes da atividade vem evidenciar as múltiplas fontes na construção do imaginário catastrófico de crianças destas idades. A influência dos currículos escolares, dos *media*, e do imaginário fílmico (cinema e televisão) teve sem dúvida um peso importante nas opções temáticas e estéticas dos desenhos. A influência das aprendizagens escolares torna-se mais evidente em desenhos com temas ecológicos, como os que estão relacionadas com a reciclagem, ou históricos, como é o caso de um desenho com referências ao terramoto de 1755. A influência dos *media*, e em particular da intensiva mediatização das imagens de grandes catástrofes recentes, é visível em desenhos que podem ser relacionados com eventos como o tsunami no Japão, o furacão Katrina nos Estados Unidos da América, a erupção do vulcão da Ilha do Fogo em Cabo Verde, mas também os ataques de 11 de setembro. A influência do imaginário fílmico, por fim, parece ser importante para muitos dos desenhos (nomeadamente num desenho em que aparece representada uma personagem da Disney), mas é particularmente notória no caso da profusão de desenhos com meteoritos em rota de colisão com a terra.

A influência de situações de risco vividas diretamente no dia-a-dia por este grupo de crianças nas suas opções para os desenhos é bastante mais complexa de descortinar. Os sismos, por exemplo, um dos maiores riscos de catástrofe para quem vive na área de Lisboa, têm direito à mesma atenção que outros riscos mais distantes da realidade portuguesa, como os tornados. Alguns dos riscos sociais selecionados pelas crianças podem estar também mais próximos das suas realidades, nomeadamente o *bullying*, os acidentes rodoviários (atropelamentos) ou mesmo a fome; porém, dentro desta categoria, encontramos outros temas como raptos, assaltos ou a guerra, que remetem para imaginários mais distantes. É também de destacar que 9 dos 10 desenhos relacionados com o tema das inundações foram realizados por crianças

da escola de Loures, o que poderá estar associado ao facto de a escola se encontrar perto do leito do rio Trancão, zona muito suscetível a inundações. Uma das poucas crianças que desenhou uma derrocada de terras afirmou ter experiência direta deste evento.

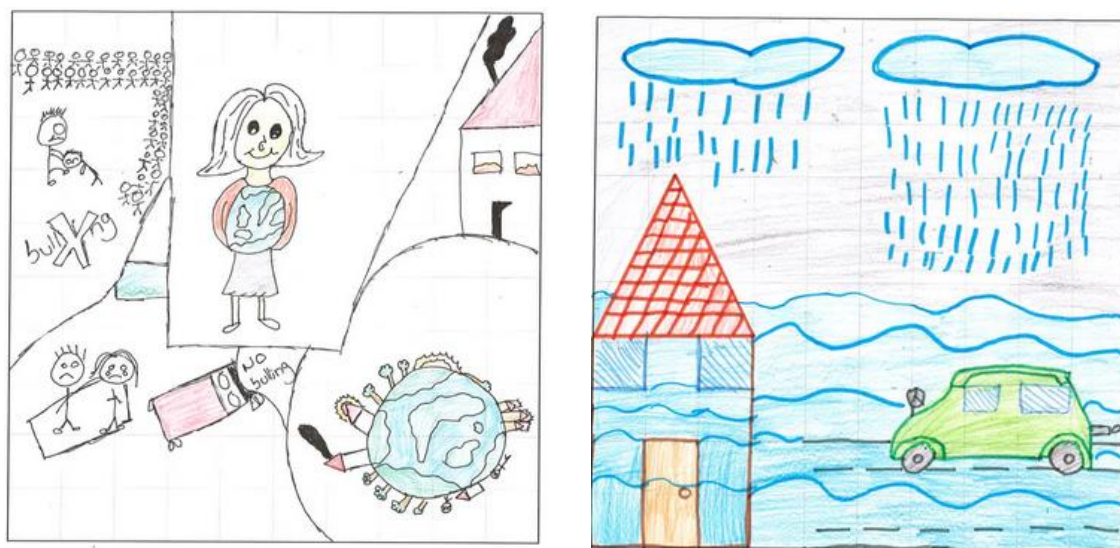


Figura 3 - Desenhos de uma situação de *bullying* (rapaz, Loures) e de uma inundação (rapariga, Loures).

4.2 Do global ao local

De entre todos os desenhos, um número relativamente elevado (22) recorre ao planeta Terra para representar o tema das catástrofes. Esta imagem está sobretudo presente nos desenhos que representam meteoritos a cair sobre a Terra, mas não só. Um planeta Terra ferido com um penso rápido, uma Terra antropomorfizada a chorar pelo seu estado de destruição, ou, de forma ainda mais explícita, um desenho do planeta com várias catástrofes a ocorrer em simultâneo nos vários continentes como a legenda “a(sic) catástrofes em todo o lado”, são imagens tendem a veicular uma a noção do universalismo da catástrofe e da dimensão do risco que o planeta no seu todo corre em relação a eventos catastróficos.

Os restantes desenhos descrevem situações territorialmente mais delimitadas, mas, ainda assim, muito generalizáveis. De facto, apesar das suas particularidades (zona rural para incêndios florestais, cidades para incêndios urbanos, zonas costeiras para maremotos, zonas com vulcões, no caso das erupções vulcânicas, etc.) estes eventos não contêm indicações específicas sobre a sua localização, podendo ocorrer em diferentes contextos nacionais.

A exceção surge com alguns desenhos onde houve uma intenção explícita por parte do desenhador em contextualizar a catástrofe numa realidade próxima, do ponto de vista territorial (local ou nacional) ou histórico. No caso de desenhos referentes a situações não reais, essa contextualização foi feita, por exemplo, por uma criança que ilustrou um avião a ir de encontro a um prédio (imagem associada ao 11 de setembro), mas em que o avião tem o logo da TAP, introduzindo no desenho uma referência nacional. O mesmo acontece com dois desenhos feitos por estudantes da escola de Cascais, um de uma multicatástrofe de grande impacto (sismo, fratura crosta terrestre, vulcão) e um de um maremoto, onde surge um edifício com a indicação C.M.C (Câmara Municipal de Cascais), contextualizando as catástrofes representadas no território de residência das crianças. Do ponto de vista de eventos

históricos, surge o caso de um desenho que representa um sismo, e em que estão ilustradas lápides com a indicação do ano de 1755 para a data de morte (remetendo assim para o terramoto de Lisboa).



Figura 5 - Desenhos de catástrofes globais (rapaz, Sintra) e de uma catástrofe local (rapaz, Loures).

4.3 Antes, durante e depois

As catástrofes são eventos dinâmicos que não se reduzem a um único momento; compõem-se de várias outras fases, prévias e posteriores ao impacto. A técnica do desenho obriga as crianças a centrarem-se num desses momentos, optando por ilustrar aquele que para eles melhor representa o que é uma catástrofe. Da análise dos desenhos, é possível perceber que essa opção está em grande parte associada ao tipo de catástrofe que o participante escolheu desenhar. Catástrofes naturais facilmente visualizáveis no momento em que já são inevitáveis, como a queda de meteoritos sobre a Terra, a lava de um vulcão a escorrer em direção a uma localidade, um maremoto a dirigir-se para a costa, mas também algumas catástrofes antrópicas como um avião em rota de colisão com prédios, são eventos muitas vezes retratados no momento prévio ao impacto e que obrigam o observador a imaginar o que irá acontecer no momento a seguir.

Sismos, incêndios, tempestades e tufões, entre outros, são por sua vez catástrofes maioritariamente representadas no momento do seu impacto e visualmente associadas a efeitos destruidores (em termos de danos materiais - desabamento de prédios e casas, queda de árvores e candeeiros, etc.- e vítimas humanas - em situação de perigo eminente ou já afetadas pelo evento). O mesmo ocorre com muitos dos desenhos que se focam em catástrofes antrópicas ou riscos sociais: *bullying*, assaltos, suicídios, desflorestação, poluição, entre outras, são situações ilustradas no momento em que estão a decorrer.

São mais raros os desenhos que se centram no momento posterior à catástrofe, ou seja, no rasto de destruição deixado pela catástrofe a nível físico e psicológico. Neste último caso, são de aqueles em que as crianças optaram por se centrar não no evento catastrófico, mas no sofrimento provocado pelo evento, como é o caso do desenho do cemitério do terramoto de 1755, ou de um outro desenho, de carácter simbólico, em que um olho gigante com um caixão refletido na pupila chora lágrimas de sangue.



Figura 6 - Desenhos dos momentos antes da catástrofe (rapaz, Sintra) e depois da catástrofe (rapaz, Loures)

4.4 Elementos dos desenhos

Para além dos elementos principais necessários para caracterizar alguns tipos de catástrofe (onda, vulcão, meteorito, tornado, etc.), é interessante perceber que outros elementos recorrentes foram utilizados pelas crianças na criação de um cenário de catástrofe. De forma geral, os mais utilizados são edifícios (casas ou prédios), árvores e veículos de transporte. As casas e edifícios surgem em cerca de 42% dos desenhos, assumindo características e papéis diversificados. Aparecem, por vezes, como elementos necessários para caracterizar um contexto urbano, mas de forma geral são utilizados em situações que evidenciam a sua fragilidade face ao impacto das catástrofes, quer estejam já a decorrer (incêndios em casas e andares de prédios, prédios em derrocada por efeitos de sismos, tufões e tempestades), quer estejam na eminência de vir a acontecer (maremotos, vulcão em erupção).

As árvores parecem assumir a mesma função. Estas surgem em cerca de 32% dos desenhos, sendo que na grande maioria das vezes são as grandes indicadoras da violência do impacto da catástrofe. As árvores são afetadas por vulcões e derrubadas por sismos e maremotos, mas evidenciam-se sobretudo como elementos frágeis no caso de incêndios e nas catástrofes de carácter meteorológico, como as tempestades e os tornados.

Os meios de transporte como carros, barcos, helicópteros e aviões, surgem em mais de 20% dos desenhos. O seu papel tende a ser mais variado: tanto podem constituir o elemento frágil face a uma catástrofe (carros arrastados por tufões ou inundações, aviões atingidos por tempestades, barcos afetados por maremotos ou redemoinhos), como o elemento causador da catástrofe (no caso de situações de atropelamento e de derrames de óleo no mar), mas também um elemento central na representação visual do momento do combate às catástrofes, como é o caso dos carros de bombeiros ou dos helicópteros que vêm recolher pessoas em situação de perigo.



Figura 7 - Desenhos que incluem árvores, edifícios e meios de transporte (rapaz, Loures e rapariga, Cascais)

Os desenhos de quedas de meteoritos, devido à sua escala e características, são muitas vezes representados com muito poucos elementos (meteorito, estrelas e planeta Terra).

4.5 O papel dos humanos em contexto de catástrofe

Por fim, é também relevante o papel atribuído aos humanos nos vários contextos de catástrofe. A presença humana surge de forma implícita num número extraordinariamente grande de catástrofes (nomeadamente aquelas em que edifícios e meios de transporte estão a ser, ou vão ser, afetados por um evento) e explícita em 48 dos 123 desenhos. De forma geral os humanos são sobretudo representados como vítimas (mortais ou eminentes, físicas ou emocionais), mas também como causadores, socorristas ou testemunhas de uma situação de catástrofe. No caso dos inúmeros desenhos em que o humano é visto como vítima, o grau de pormenor da figura desenhada é diversificado, sendo que muitas vezes assume a forma de figura estilizada (sobretudo no caso de sismos, tornados, maremotos), de forma a ilustrar os graves impactos da catástrofe em termos de perdas humanas.

Os desenhos onde os humanos são explicitamente desenhados e representados como os causadores das situações de catástrofe estão sobretudo relacionados com riscos sociais (atropelamentos, *bullying*, assaltos, etc.). É também o caso de alguns riscos antrópicos, nomeadamente incêndios, como num desenho onde surge a figura do incendiário ou, num outro, em que um humano provoca negligentemente um fogo com um cigarro.

De notar que é também nos desenhos de incêndio que surgem algumas das poucas figuras humanas representadas a combater as catástrofes. Ao todo são apenas quatro os desenhos onde estão representadas figuras que podem ser associadas a agentes de proteção civil, sendo que em dois casos se trata de bombeiros a apagar fogos e, em outros dois, condutores de helicópteros a recuperar pessoas em situação de perigo.



Figura 8 Desenhos com um incendiário (rapaz, Cascais) e com um bombeiro (rapariga, Cascais)

Por fim, é também interessante relevar o caso em que as figuras humanas surgem desenhadas como testemunhas do evento. Essas tanto podem estar envolvidas na situação (pessoa que assiste a outra pessoa a afogar-se, testemunhas passivas de *bullying*, por exemplo) como assumir um papel externo, o de observadoras do fenómeno, servindo para enfatizar a nossa impotência face ao evento catastrófico. Esse papel da testemunha externa passiva do acontecimento assume vários graus de distanciamento, sendo que onde essa situação se evidencia talvez mais é num desenho que representa o planeta Terra em sofrimento (devido a catástrofes várias entre as quais a explosão de uma central atómica) e em que um astronauta assiste à cena, impotente, a partir do espaço.

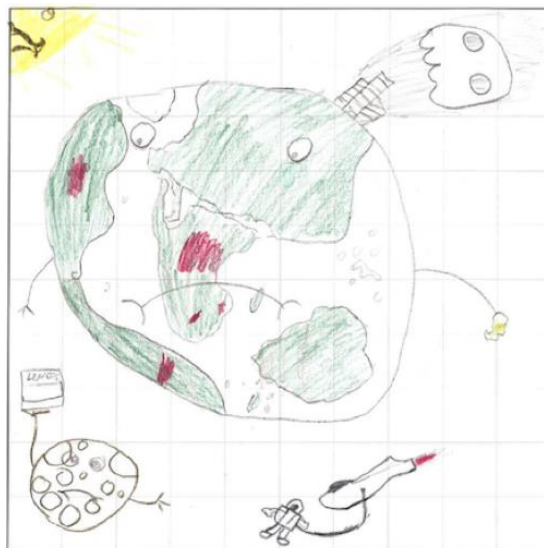


Figura 9 - Desenho com uma personagem a testemunhar uma catástrofe (rapaz, Cascais)

5. Notas finais

Procurámos ilustrar, nesta comunicação, a virtualidade de uma perspetiva metodológica que, assente numa visão das crianças como atores ativos da construção dos seus quotidianos e relações com adultos, lhes dá voz. Ora, nesta estratégia, o desenho surge como uma técnica particularmente

interessante na captação das perspectivas e experiências das crianças, por comparação com as formas tradicionais de expressão oral: proporciona-lhes mais autonomia e espontaneidade, favorece relações de menor distância e autoridade com os adultos, assegura maior inclusão de crianças “diferentes”.

A partir de 123 desenhos, realizou-se a análise visual de diferentes concepções de riscos e catástrofes de crianças entre os 10 e os 12 anos, alunas do ensino básico de escolas da Área Metropolitana de Lisboa. Realçaram-se os tipos de catástrofes mais frequentemente desenhadas, detetou-se alguma variabilidade da sua distribuição por sexo, o vaivém interessante que por vezes estabelecem entre os níveis local e global, a desigual atenção que prestam aos seus diferentes momentos (antes, durante, depois), o lugar das coisas e dos humanos nas catástrofes.

Os benefícios da opção de dar voz às crianças, para além de ser um dos princípios consagrados na Convenção sobre os Direitos das Crianças, são óbvios para a investigação e para a intervenção. Na pesquisa, dá visibilidade (a partir de dentro) a universos com que, nas sociedades contemporâneas, se constroem as relações geracionais. Na intervenção, ganha-se em trazer para a cena da catástrofe (e em todas as suas fases: antes, durante e depois) a *agency* das crianças e os seus contributos peculiares e indispensáveis para a promoção de respostas mais consistentes, inclusivas e eficazes para os riscos que ela provoca.

6. Referências

- Almeida, Ana Nunes de, e Ana Delicado (no prelo). “Crianças *Online*: Metodologias Visuais, Novas Descobertas e Desafios Éticos”. In Ferreira, Vítor (org.) *Entre a Palavra e a Imagem: Metodologias de Pesquisa com Jovens*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Bird, Deanne, e Guðrún Gísladóttir. (2014). How the children coped with the April 2010 Eyjafjallajökull eruption in Iceland. *Disaster Resilient Australia: Get Ready*, April 2010: 50-55.
- Bonati, S., & Mendes, M. P. (2014). Building Participation to Reduce Vulnerability: How Can Local Educational Strategies Promote Global Resilience? A Case Study in Funchal – Madeira Island. *Procedia Economics and Finance*, 18(July), 165–172.
- Cook, T., e Hess, E. (2007). What the Camera Sees and from Whose Perspective: Fun methodologies for engaging children in enlightening adults. *Childhood*, 14(1): 29–45.
- Einarsdóttir, J. (2005). Playschool in pictures: children’s photographs as a research method. *Early Child Development and Care*, 175(6): 523–541.
- Elden, S. (2013). Inviting the messy: Drawing methods and “children’s voices”. *Childhood*, 20(1), 66–81.
- Fothergill, A., & Peek, L. (2006). “Surviving catastrophe: A study of children in Hurricane Katrina.” In *Learning from catastrophe: Quick response research in the wake of Hurricane Katrina*, Boulder, Colo.: Institute of Behavioral Science, University of Colorado at Boulder, Special Publication, (pp. 97–129).
- Ganesh, T. (2011). Children-produced drawings: An interpretive and analytic tool for researchers. In Margolis, Eric & Puwels, Luc (Eds.). *The SAGE Handbook of Visual Research Methods*.
- Giordano, F., Castelli, C., Crocq, L., & Baubet, T. (2012). Le non-sens et le chaos dans les dessins des enfants victimes du tremblement de terre aux Abruzzes. *Annales Médico-Psychologiques*, Revue Psychiatrique, 170(5), 342–348.
- Hall, E. (2015). “The Ethics of ‘Using’ Children’s Drawings in Research”. In Yamada-Rice, Dylan & Stirling, Eve (Eds.) *Visual Methods with Children and Young People*. Palgrave Macmillan UK, (pp. 140-163).

- Izadkhah, Yasamin O., e Lisa Gibbs. (2015). A study of preschoolers' perceptions of earthquakes through drawing. *International Journal of Disaster Risk Reduction*, 1-8.
- Looman, W. S. (2006). A developmental approach to understanding drawings and narratives from children displaced by Hurricane Katrina. *Journal of Pediatric Health Care: Official Publication of National Association of Pediatric Nurse Associates & Practitioners*, 20(3), 158–66.
- Mallan, K. M., Singh, P., e Giardina, N. (2010). The challenges of participatory research with 'tech-savvy' youth. *Journal of Youth Studies*, 13(2): 255–272.
- Mitchell, L. M. (2006). Child-Centered? Thinking Critically About Children's Drawings As A Visual Research Method. *Visual Anthropology Review*, 22(1), 60–73.
- Nic Gabhainn, S., e Sixsmith, J. (2006). Children Photographing Well-being: Facilitating Participation in Research. *Children & Society*, 20(4): 249–259.
- Punch, S. (2002). Research with Children: The Same or Different from Research with Adults? *Childhood*, 9(3), 321–341.
- Sunal, Cynthia Szymanski, e Julianne M. Coleman (2013) Social studies beginnings: investigating very young children's prior knowledge of a disaster. *Social Studies Research and Practice* 8 (3): 21-42.
- Tay-Lim, J., & Lim, S. (2013, March 17). Privileging Younger Children's Voices in Research: Use of Drawings and a Co-Construction Process. *International Journal of Qualitative Methods*.
- Taylor, H., & Peace, R. (2015). Children and cultural influences in a natural disaster: Flood response in Surakarta, Indonesia. *International Journal of Disaster Risk Reduction*, 13, 76–84.
- Thomas, N. e O'Kane, C. (1998). The ethics of participatory research with children. *Children and Society*, 12(5): 336-348.
- Tobin-Gurley, J., & Peek, L. (2013). Children of the Spills – Phase II: The Gulf Coast and the BP / Deepwater Horizon Oil Spill. *Children, Youth and Environments*, 23(1), 167–179.
- Walker, Marion, Rebecca Whittle, Will Medd, Kate Burningham, Jo Moran-Ellis, e Sue Tapsell (2012). 'It came up to here': learning from children's flood narratives. *Children's Geographies* 10 (2): 135-150.
- Warming, H. (2011) Getting under their skins? Accessing young children's perspectives through ethnographic fieldwork. *Childhood*, 18(1): 39–53.